

Um carnaval de vaidades

Conceição Freitas

Da equipe do Correio

É como o Carnaval. Espera-se o ano inteiro por aquele desfile de modas, excentricidades e esquisitices. Um dos mais fiéis freqüentadores do Festival de Cinema de Brasília, o cantor e ator Renato Matos, disse-o bem: "O festival demora muito. É como trabalhar o ano inteiro pra desfilar no Carnaval".

A noite de abertura do festival juntou sob o mesmo teto os descolados da cultura, os funcionários públicos com acesso ao esquema de distribuição de convites, algumas autoridades e uns poucos diretores e atores de cinema. Na ala das autoridades, faltou o ministro da Cultura, Francisco Weffort. Nem ele nem ninguém do primeiro escalão deu o ar da graça.

Tamanha economia de nomes ilustres fez repórteres, fotógrafos e cinegrafistas cercarem o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Milton Selligman, na chegada. "Quem é? Quem é?", perguntavam alguns, na vã esperança de que se tratasse de algum ator ou diretor de cinema.

BRUXA

A atriz Tonya Cruxê não mereceu nenhum holofote ao chegar num vestido longo de veludo preto com uma insinuante fenda lateral. "Estou vestida de bruxa, uma personagem performática", descreveu. "É uma forma de divulgar meu trabalho. Afinal, todos os cineastas que vão concorrer vão estar aqui."

Tonya distribuía panfletos da festa *Uma noite louca por cinema*, que prometia a presença "de artistas nacionais e internacionais". Ao lado dela, estava a filha Paula Cruxê, de 9 anos, anunciando que vai participar de um espetáculo de balé clássico no Teatro Nacional.

Tem gente que vai ao festival em busca de fama, outros em busca de autógrafo de famosos. Agente administrativa do Ministério da Saúde, Lícia Vitória da Silva saiu felicíssima do festival. Conseguiu mais dois autógrafos para seu caderninho de capa laranja. Arrebatou as assinaturas de Zezé Macedo e Ziraldo.

Todos os anos, Lícia Vitória dá um jeito de ir ao festival, que já lhe rendeu três cadernos de autógrafos. Ao lado de cada assinatura, Lícia cola a foto do artista. "Hoje vim

aqui só pra conseguir o autógrafo da Zezé Macedo", disse abraçada ao precioso caderno.

ESTRAMBÓTICOS

São tantas as extravagâncias nos festivais de cinema em Brasília que algumas perdem o impacto. Um homem que não quis se identificar pôs um manto roxo nas costas e saiu pelo foyer do Teatro Nacional empunhando um cartaz que dizia "Homens somos no céu", escrito exatamente desse jeito.

O músico Alfredog Soriano, da banda Os Cachorros das Cachorras, chegou com um enorme e colorido chapéu de palha. Mas o ator e padeiro Jorge Dupan — acostumado a envergar fantasias esplendorosas nessas solenidades — estava discretíssimo num conjunto preto e cinza.

"No primeiro dia venho discreto. Depois é que visto as fantasias", explicou. Neste ano, Dupan vai vestir-se de *Brad, trash ou fantasia*. Ele esclarece que isso quer dizer uma mistura de *thrillers* de terror e filmes infantis.

PIXOTE

Se estrambóticos têm seu instante de glória, o cinema continua sendo acalentado das maneiras mais inesperadas. O casal João Paulo Cristalino e Maria Goreti, por exemplo, veio de Taguatinga para a abertura do festival.

Chegaram um tanto atrasados e perderam a chance de entrar na Sala Villa-Lobos. João Paulo é funcionário da Câmara Distrital e ganhou um convite para o festival. "Agora vamos esperar o coquetel", conformava-se Goreti. O casal diz que vai pouco ao cinema. Depois de longa temporada longe da tela grande, foram ver *Tieta*, de Cacá Diegues, num dos cinemas do Alameda Shopping. "Ele (o marido) achou pornográfico", conta Goreti.

O diretor José Joffily ficaria satisfeita em saber que pelo menos 200 pessoas assistiram ao filme *Quem matou Pixote?* em pé, do começo ao fim. O garçom Cláudio Luiz da Silva foi um desses. Preferiu espichar o pescoço durante hora e meia a jogar dominó com os colegas enquanto esperava para servir o coquetel. "Gosto de cinema", resumiu ele, pouco antes de começar a servir o disputado coquetel.